



A BÍBLIA COMO ESCRITURA SAGRADA: ANÁLISE PRELIMINAR À LUZ DA CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER¹

THE BIBLE AS SACRED SCRIPTURE: PRELIMINARY ANALYSIS IN THE LIGHT OF WESTMINSTER'S CONFESSION OF FAITH

Edenis Cesar Oliveira²

Resumo:

Os símbolos de fé em geral e a Confissão de Fé de Westminster em particular constituem-se em importantes instrumentos que resumem as principais doutrinas bíblico-teológicas que subsidiam a interpretação reformada das Escrituras. Este texto objetivou explicar a Confissão de Fé de Westminster (CFW), mormente o Capítulo I – Da Escritura Sagrada à luz de referenciais teóricos de relevância acadêmica. A interlocução com autores seminais no assunto abordado possibilitou o adensamento da convergência quanto a compreensão do valor que as Escrituras Sagradas representam desde a formação do cânon para toda espécie humana. Mais do que circunscrever os atributos de infalibilidade, inerrância, completude, autoridade, suficiência, eficácia e determinância, ela contém tudo aquilo que Deus pretendeu revelar ao homem para sua salvação em Cristo Jesus.

Palavras-chave: Símbolos de Fé. Confissão de Fé de Westminster. Sagradas Escrituras. Bíblia. Teologia Reformada.

Abstract:

The symbols of faith in general and the Westminister Confession of Faith in particular are important instruments that summarize the main biblical-theological doctrines that support the reformed interpretation of Scripture. This text aimed to explain the Westminister Confession of Faith (WCF), especially Chapter I — Sacred Scripture in the light of theoretical references of academic relevance. The interlocution with seminal authors on the subject addressed enabled the consolidation of convergence in terms of understanding the value that the Holy Scriptures represent since the formation of the canon for all human species. More than circumscribing the attributes of infallibility, inerrancy, completeness, authority, sufficiency, effectiveness and determination, it contains everything that God intended to reveal to man for his salvation in Christ Jesus.

Keywords: Symbols of Faith. Westminister Confession of Faith. Sacred Scriptures. Bible. Reformed Theology.

¹ Enviado em: 25.09.2020. Aceito em: 16.12.2020.

² Doutorado em Administração (USCS). Mestrado em Geografia Humana (UNESP). Especialização em Gestão Empresarial e Administração Hospitalar. Graduado em Administração de Empresas e Teologia. Professor Adjunto da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Contato: edeniscesar@ufscar.br

INTRODUÇÃO

O curso da história cristã em geral e o curso da história reformada em particular contém vários exemplos de como os impactos advindos dos contextos políticos, governamentais, culturais, eclesiais, entre outros, se constituíram em massa crítica, proporcionando ambiente e ocasião para elaboração de documentos confessionais.

Nesse processo, todo o espectro de elementos morfológicos que caracterizou as primeiras sistematizações doutrinárias, culminou na elaboração das chamadas confissões. Uma confissão não é algo que uma igreja tem, mas que a confessionalidade pertence à sua existência. A confissão é uma das dimensões da vida da igreja como criatura da Palavra. As confissões não são respeitadas porque são prescritas por alguma autoridade eclesial. Consistem na representação da clareza das escrituras em diferentes contextos culturais. O consenso na igreja se desenvolve com base em uma submissão comum e precípua às Escrituras.³

As confissões de fé elaboradas no início do período moderno surgiram a partir da necessidade de balizar cada uma seu próprio espectro de existência religiosa. Portanto, foram instrumentos de definição dogmática feitos em contraposição aos demais campos confessionais, guarnecidos de um diáfano caráter disciplinador. Contrariamente aos documentos conciliares cunhados na antiguidade tardia e no alto medievo, que procuravam geralmente lidar com a resolução de dificuldades doutrinárias específicas, nas confissões de fé de inícios da época moderna, a pretensão era formular o corpo global das doutrinas consideradas essenciais pela expressão eclesial que as subscrevia. O tratamento era notoriamente sintético, o que está presente no próprio caráter de “fórmula” e explica o motivo pelo qual as confissões de fé foram em geral seguidas, dentro de cada grupo confessional, por catecismos específicos, cuja finalidade primordial era a de esclarecer o conteúdo do texto da confissão.⁴

Uma Confissão é a declaração da maneira como qualquer homem, ou número de homens; qualquer cristão ou qualquer igreja; compreende a verdade que foi revelada.⁵ As igrejas reformadas confessam sua teologia, de maneira paradigmática, por meio de seus símbolos de fé e catecismos, sendo a Confissão de Fé de Westminster (CFW) sua principal declaração doutrinária. No cristianismo evangélico atual tem sido identificado acentuados sinais de anticonfessionalismo.⁶ Há evidências de que as confissões de fé e os catecismos foram olvidados e tido sua relevância diminuída mesmo nas manifestações mais tradicionais do protestantismo.

A mente humana está tão propensa ao erro, e de capacidade tão amplamente diversificada em muitos aspectos que, mesmo quando uma simples verdade é apresentada para sua recepção, essa verdade pode ser reproduzida e compreendida nas mais diversas interpretações, tanto quanto as diferenças das mentes para as quais foi apresentada.⁷ O compêndio doutrinário é considerado um dos documentos mais influentes do período pós-Reforma da igreja cristã, consistindo numa exposição criteriosamente formulada da teologia reformada do século XVII, considerando ainda

³ WETHMAR, Conrad. Confessionality and identity of the church – a reformed perspective. In: BORGHT, Eduardus Van Der. (Ed.). *Christian identity*. Studies in reformed theology 16. International Reformed Theological Institute. International Conference 6th, Seoul, Korea, 2008.

⁴ RODRIGUES, Rui Luis. Confessionalization processes and their importance to the understanding of Western History in the Early Modern period (1530-1650). *Revista Tempo*, v. 23, n. 1, p. 2-21, 2017.

⁵ SHAW, Robert. *The Reformed Faith - an exposition of the Westminster Confession of Faith*. Coconut Creek, Florida, USA, Puritan Publications, 2011.

⁶ CAMPOS, Heber Carlos de. A relevância dos credos e confissões. *Fides Reformata*, v. 2, n. 2, p. 97-128, 1997.

⁷ SHAW, 2011.

que, a serenidade das suas frases esconde a tempestuosidade do cenário político contra o qual ela foi escrita.⁸

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER – CAPÍTULO 1 – SEÇÕES I a X

As mudanças ocorridas na cristandade entre os séculos XVI e XVII implicaram modelos singulares de relações entre igreja e governo civil.⁹ Esse decurso tornou-se conhecido como “escolasticismo protestante” ou “ortodoxia protestante”¹⁰, caracterizado pela explicitação de posicionamentos teológicos face às diversas controvérsias doutrinárias.

Malgrado o fato de que a escolástica protestante tenha caído em desuso no final do século XVIII, deixou dois importantes legados: sua doutrina da inspiração das Escrituras e seu “espírito” de rigidez confessional.¹¹ As divergências doutrinárias no interior da cristandade ocidental resultaram numa minuciosa sistematização teológica das diversas denominações cristãs, havendo progressiva ênfase nas formulações confessionais.

Esses processos de confessionalização vividos pela cristandade nessa época, serviram de conformação para as primeiras igrejas protestantes, contribuindo para a reelaboração de um novo modo de discurso que apontava para uma forma diferente de perceber a finalidade da Igreja.¹² A importância das Escrituras para Lutero era tão significativa a ponto de ele asseverar que o Espírito sempre segue a Palavra.¹³ Se se considera que a Bíblia foi inspirada pelo Espírito Santo na sua concepção, em forma e essência, métodos e autores, tempo e espaço, entre outras especificidades, então, se estabelece assertiva a proposição do reformador.

A Reforma foi construída e sedimentada por uma elevada compreensão das Escrituras como autoridade final para a compreensão de Deus, do mundo e do relacionamento de Deus com o mundo. O principal expoente da Reforma enfatiza seu apreço pelas Escrituras como a Palavra de Deus – que manteve cativa sua consciência, sobretudo naquele infausto momento de sua vida.

As confissões protestantes que surgiram nessa época tinham majoritariamente o objetivo apologético de evidenciar que as diferenças entre os protestantes e as doutrinas católicas romanas eram baseadas na Escritura Sagrada.¹⁴ A regra de fé constante no corpo doutrinário confessional equipa a igreja a ler as várias partes das Escrituras à luz do todo e com foco no seu propósito final.

⁸ BEEKE, Joel R.; FERGUSON, Sinclair. *Harmonia das confissões reformadas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

⁹ LEITH, John. *A Tradição Reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã*. São Paulo, Pendão Real, 1997.

¹⁰ COSTA, Hermisten Maia Pereira da. A relevância da ortodoxia protestante na elaboração das confissões protestantes nos séculos XVI e XVII. In: *Sociabilidades Religiosas: mitos, ritos e identidades*. *Anais...XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões*. Goiânia, Universidade Federal de Goiás – UFG, 2009.

¹¹ GONZÁLEZ, Justo L. *História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, v. 2, 2011.

¹² ANDRADE, Rodrigo Pinto de; TOLEDO, César de Alencar Arnaut de; ANDRADE, Francielle Aparecida Garuti de. The conception of education in Westminster Confession of Faith, of 1647. *Educação Unisinos*, v. 22, n. 1, 2018, p. 110-118.

¹³ HARRIS, Steven Edward. The word(s) the Spirit gives: Lutheran and reformed exegesis of 1 Corinthians 2:13. *Scottish Journal of Theology*, v. 70, n. 3, 2017, p. 295-309.

¹⁴ STOKER, Henk G. Convinced by Scripture and plain reason: Reasonable reformational apologetics. In: VORSTER, Nico; VAN DER WALT, Sarel P. *Reformed theology today: Practical theological, missiological and ethical perspectives*. Durbanville, South Africa: AOSIS, 2017.

A regra de fé é apenas um canal através do qual flui o ensino revelado.¹⁵ Deus falou nas Sagradas Escrituras; e a igreja pela graça soberana fez uma confissão fiel.

SEÇÃO I

Embora o conhecimento de Deus proveniente da criação e da providência seja suficiente para tornar os pecadores culpados por sua maldade, não aponta para a natureza do pecado ou a forma do evangelho.¹⁶

A autoridade das Escrituras não deriva da igreja, mas diretamente de Deus, visto que Deus é o autor final das Escrituras; a credibilidade da doutrina não é estabelecida até que esteja completa e totalmente persuadido de que Deus é seu autor. A maior prova da Escritura deriva do fato de que Deus em pessoa fala nela.¹⁷

Para os cristãos reformados que se subscrevem aos símbolos de fé, secundariamente à Bíblia, a forma normativa de Deus falar com seu povo hoje é pela Escritura (*Norma Normans*), mediante iluminação do Espírito Santo.

SEÇÃO II

A formação do cânon pode ser vista como resultado dos embates, como meio considerado eficiente para proceder a exclusão dos “heréticos”, bem como sua produção literária. Nesse transcurso, afere-se a Escritura como resultado de uma complexa seleção de textos, o que desencadeou o estabelecimento de uma linha divisória entre os textos canônicos e os apócrifos. O cânon estabeleceu uma linha demarcatória entre ortodoxia e heterodoxia, entre a congregação dos autênticos cristãos dentro da igreja e os que estão fora dela.¹⁸

A Bíblia torna-se cristocêntrica e seus eventos acontecem antes ou depois de Cristo. Os textos que já possuíam sentido para grupos sociais judaicos e que eram parte da sua memória foram reorganizados a partir de encontros dialógicos com grupos dos seguidores de Jesus, conformando novos signos, novas linguagens e novos textos.¹⁹

Os primeiros grupos de cristãos criaram uma coerência textual necessária entre a Escritura judaica e os seus escritos: os textos da Escritura judaica presente nos escritos indicam um pano de fundo e fundamento para a história de Jesus. A Escritura judaica tornou-se também uma tipologia do Novo Testamento; o significado tipológico descreve a inteligibilidade descoberta na relação entre dois eventos, compreendendo uma única atuação divina na história.

A partir da canonização, os textos sagrados tornaram-se autoridade final como palavra de Deus, que proibia qualquer mudança, e os bispos tornaram-se os guardiões do verdadeiro

¹⁵ SWAIN, Scott. A Ruled Reading Reformed. The role of the church’s confession in biblical interpretation. *International Journal of Systematic Theology*, v. 14, n. 2, 2012, p. 177-193.

¹⁶ ALLEN, R. Michael. *Reformed theology*. New York: T&T Clark, 2010.

¹⁷ ZACHMAN, Randall C. Oracles, visions, and oral tradition: Calvin on the foundation of scripture. *Interpretation: A Journal of Bible and Theology*, v. 63, n. 2, 2009, p. 117-129.

¹⁸ BORTNES, Jostein. Canon Formation and Canon Interpretation. In: THOMASSEN, Einar. *Canon and Canonicity*. The Formation and use of Scripture. Copenhagen: MT Press, 2010, p. 189-216.

¹⁹ ADRIANO FILHO, José. A formação do Cânon bíblico: considerações a partir da semiótica da cultura. *Estudos de Religião*, v. 29, n. 1, 2015, p. 87-101.

significado dos textos bíblicos, os quais deviam ser reproduzidos dentro da estrutura do ritual e o seu significado explicado de acordo com a doutrina definida como correta.²⁰

O cânon profético e apostólico da Escritura é a palavra de Deus revelada e confiável em tudo o que afirma, seja de fé ou de fato, independentemente das convicções humanas e mesmo eclesiásticas. Dessa forma, a igreja e seus membros podem ter certeza de que possuem um alicerce confiável para a proclamação do evangelho.²¹

SEÇÃO III

Na tarefa de reconstrução da versão original, foram de grande auxílio as antigas traduções. A quantidade de traduções espelha a célere expansão da primeira cristandade pelo mundo antigo, sendo muitas dessas traduções mais antigas do que algumas cópias do texto grego ou hebraico, de modo que dão testemunho de uma forma de texto anterior ao das referidas cópias. Assim, duas traduções antigas são destacadas:²²

1. A *Septuaginta* (LXX) – mais importante tradução do Antigo Testamento para o grego. Se fazia necessária face ao grande contingente de judeus que, já muito antes do início da nossa era, viviam na “diáspora”, ou seja, fora da Palestina, e estavam pouco ou nada familiarizados com o hebraico. Sabe-se que essa obra teve origem em Alexandria, no Egito, tendo sua tradução se iniciado no terceiro século a.C., começando pelo Pentateuco, o que levou décadas para ser concluída.
2. A *Vulgata* – mais importante tradução da Bíblia para o latim. Obra predominantemente do antigo monge e teólogo Jerônimo que a empreendeu por solicitação do papa Dâmaso. As traduções latinas existentes na época eram precárias, exigindo profunda revisão. Para tanto, Jerônimo recorreu às línguas originais dos dois Testamentos, criando uma versão que, na Igreja latina, tornar-se-ia padrão, ou “vulgarizada” (= vulgata), popular. Jerônimo quis que, na delimitação do Antigo Testamento prevalecesse a “verdade hebraica” dos 39 livros. Mas, não conseguiu que assim fosse. Sete livros apócrifos, traduzidos do grego, também conhecidos como dêutero-canônicos, permaneceram incluídos no texto latino da Bíblia.

Antes da Reforma, foram poucas as tentativas de traduzir a Bíblia para o vernáculo. Quanto à teologia e culto, prevalecia o latim como língua oficial. A invenção da imprensa tornou possível sua popularização. Da mesma forma, deveria ser superada certa resistência à educação do povo em assuntos religiosos por parte do clero. A tradução da Bíblia para o alemão representou um passo programático em direção à educação popular. O exemplo luterano inspirou outros a seguir o mesmo caminho em muitos países da Europa.²³

²⁰ BORTNES, 2010.

²¹ SCHNABEL, Eckhard J. History, Theology and the Biblical Canon: An Introduction to Basic Issues. *Themelios*, v. 20, n. 2, 1995, p. 16-24.

²² BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia: controvérsias, significado, fundamento*. 2 Ed. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2007.

²³ BRAKEMEIER, 2007.

SEÇÃO IV

Autoridade é o fundamento da estrutura inteira da sociedade humana. Assim, vivemos sob autoridade em todas as áreas de nossa existência, seja na família, nas relações com o Estado, no trabalho, na sociedade em geral, nascemos e somos criados debaixo de autoridade.²⁴ A doutrina da autoridade das Escrituras significa que, por serem divinamente inspiradas, elas são inerrantes, verídicas, veraz em todas as suas asserções, não contendo falha, seja histórico ou doutrinário, o que as torna infalíveis e, portanto, autoritativas em todo o seu conteúdo. De acordo com essa doutrina, as Escrituras são a fonte suprema de autoridade que estabelece definitivamente qualquer assunto nelas tratado; a única regra infalível de fé e prática.²⁵

Deve-se atentar para o perigo de o cristianismo evangélico, à maneira dos religiosos ortodoxos da época de Jesus ou a Igreja Romana do século XVI, resvalar tendenciosamente para o papel de meros defensores da tradição. Assim, ser um instrumento do Espírito Santo em nosso tempo requer muito mais do que o domínio da apologética, e encerra: “como cristão gentios, cremos nas Escrituras porque primeiro cremos em Cristo”.²⁶

A Bíblia sempre ocupou e continua ocupando um lugar de destaque na maioria das igrejas protestantes contemporâneas.²⁷ A autoridade da Bíblia é cimentada na autorrevelação de Deus. A teologia cristã é baseada na autorrevelação de Deus e tornada possível porque Deus criou a humanidade à Sua imagem e deu a ela a capacidade de reconhecer a verdade revelada.²⁸

SEÇÃO V

Se por um lado, a autoridade das Escrituras não possui fundamentos que sejam decorrentes da igreja, por outro, a excelência das Escrituras é evidenciada pelo testemunho da igreja. Compete à igreja demonstrar e ensinar as evidências afluídas da autoridade divina da Palavra de Deus.²⁹ A ela cabe a responsabilidade de proclamar a excelência do seu conteúdo, a eficácia das suas doutrinas, bem como a notável unidade e harmonia de todas as suas partes. Conquanto a igreja não seja o fundamento da fé, a fé reformada reconhece que o testemunho da igreja é um incentivo para a fé.³⁰

O vínculo inseparável entre Espírito e Escritura seria uma característica distintiva de todos os escritos de Calvino sobre o assunto. A elocução do reformador genebrês “não é menos razoável vangloriar-se do Espírito sem a Palavra do que seria absurdo expor a própria Palavra sem o Espírito” reforça a indissociabilidade entre Espírito e Escritura.³¹

A inspiração da Escritura deve ser entendida à luz do fulcro da Escritura, à luz de Jesus Cristo como seu centro e critério. A ideia da inspiração da Escritura não pode estabelecer um conceito

²⁴ BAVINCK, Herman; BOLT, John. *Reformed dogmatics* – abridged in one volume. Grand Rapids, Michigan: Backer Academic, 2015.

²⁵ ANGLADA, Paulo. *Sola Scriptura. A doutrina reformada das Escrituras*. 2 Ed. Ananindeua/PA: Knox Publicações, 2013.

²⁶ ELLIS, E. Earle. The authority of Scripture; critical judgments in biblical perspective. *The Evangelical Quarterly*, v. 39, n. 4, 1997, p. 197.

²⁷ KING, Kevin. The uneasy pulpit: Carl Henry, the authority of the Bible, and expository preaching. *Perichoresis*, v. 17, n. 3, 2019, p. 97–110.

²⁸ NASH, Ronald. *Evangelicals in America*. Nashville, TN: Abingdon, 1987.

²⁹ ANGLADA, 2013.

³⁰ BAVINCK; BOLT, 2015.

³¹ THOMPSON, Mark D. *Sola Scriptura*, In: BARRET, Matthew. *Teologia da Reforma*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

formal da autoridade da Escritura como a palavra de Deus independentemente do conteúdo da proclamação de Cristo. Tal conceito formal da autoridade das Escrituras, considerado como um pressuposto para a doutrina de Jesus Cristo e a revelação de Deus nele, não pode ser estabelecido com base na ideia de inspiração. A sequência da argumentação deve proceder no sentido contrário, partindo do evangelho apostólico sobre Jesus Cristo.³²

Em épocas como as que vivemos, nos quais o evangelicalismo hodierno parece demonstrar uma progressiva descrença nas Escrituras como regra suficiente de fé e prática, torna-se imperativo sopesar o ensino da fé reformada com relação à doutrina da suficiência das Escrituras.

SEÇÃO VI

A igreja permanece constantemente sob o governo do Cristo ressuscitado, assim como da orientação do Espírito Santo. Jesus Cristo cria e atua na igreja continuamente por meio do Espírito Santo.³³ A pergunta retórica desse autor é admissível aqui. “Mas como pode a igreja conhecer a voz de Cristo hoje?” Nesse âmbito, a Escritura exerce, por assim dizer, uma função crítica para a igreja. Ajuda a comunidade a receber a direção imediata de Cristo para sua situação atual.³⁴

E quanto à palavra "suficiência?" Foi definido como “o estado de ser suficiente ou adequado. “Suficiente” é ainda descrito como sendo “igual ao fim proposto; adequado às necessidades; o suficiente.” No contexto teológico, significa que toda a Bíblia é suficientemente adequada para nossas necessidades espirituais. Nada precisa ser adicionado a ela e, certamente, nada deve ser subtraído dela.³⁵

É evidente que as Escrituras não contêm todas as informações a respeito da criação, da natureza, do universo, ou mesmo da história, uma vez que não se trata de um livro científico/histórico. Da mesma forma, nas Escrituras, não se pretende fornecer todas as informações concernentes à vida e ao ministério de Jesus na terra.³⁶ A Bíblia continha todas as palavras de Deus que ele pretendia que seu povo tivesse em cada estágio da história redentiva; agora, contém todas as palavras de Deus das quais precisamos para a salvação, bem como para confiar nele e obedecê-lo em plena perfeição.³⁷

Assim, é somente nas Escrituras que se deve buscar as palavras de Deus. Além disso, lembra o fato de que Deus considera o que ele disse na Bíblia ser suficiente, e que, portanto, seus filhos devem se alegrar na grande revelação que ele os deu, demonstrando total contentamento com ela.

Pode-se inquirir a respeito da aplicação prática desse entendimento. Ora, é possível aludir ao princípio da objetividade que está intrinsecamente compreendido na própria definição de suficiência. Por conseguinte, não há razões plausíveis para dar atenção a revelações externas, subjetividades, abstrações ou qualquer palavra “profética”. A doutrina incute a ideia predominantemente verdadeira e inexorável de que apenas a Bíblia define o que é certo ou errado;

³² PANNENBERG, Wolfhart. Theological Table Talk: On the Inspiration of Scripture. *Theology Today*, v. 54, n. 2, 1997, p. 212-215.

³³ LÖSEL, Steffen. Guidance from the gaps: The Holy Spirit, ecclesial authority, and the principle of juxtaposition. *Scottish Journal of Theology*, v. 59, n. 1, 2006, p. 140-158.

³⁴ LÖSEL, 2006.

³⁵ PAAUWE, Edward. The sufficiency of Scripture. In: KHOO, Jeffrey. *The Burning Bush*, v. 2, n. 2, 1996, p. 77-84.

³⁶ ANGLADA, 2013.

³⁷ GRUDEM, Wayne. *Systematic Theology: An introduction to biblical doctrine*. Grand Rapids, Michigan, USA, 1994.

dito de outra forma, em tudo a Bíblia é suficiente para nos dizer o que Deus se contentou em nos revelar nas Escrituras.

Há apenas um livro que é chamado de a Palavra de Deus. Não há necessidade de depender de outros textos para pronunciamentos oficiais sobre questões de fé e prática – a Bíblia é suficiente para ensinar sobre Deus e todos os seus preceitos.

SEÇÃO VII

A Escritura é a revelação de Deus.³⁸ Lutero entendia que a clareza da Escritura é um corolário necessário da revelação. A doutrina da clareza (ou perspicuidade) das Escrituras – ou seja, que a mensagem central da Bíblia é clara e compreensível, e que a própria Bíblia pode ser interpretada corretamente em um sentido normal e literal – tem sido a pedra angular da crença evangélica desde a Reforma.³⁹

A ideia de clareza ou perspicuidade das Escrituras sustenta que o significado básico da Bíblia pode ser verificado por cristãos comuns. Para o autor, a clareza das Escrituras afirma o princípio basilar de que seus ensinamentos são claros e que as partes de maior dificuldade de compreensão podem ser interpretadas à luz de passagens mais claras.⁴⁰

Aquilo que parece ser secundário, superveniente e obscuro nas Escrituras deve ser visto sob a ótica daquilo que apresenta características primárias, de centralidade e cognoscibilidade. Este princípio exige que se ecoe as principais ênfases do NT e se desenvolva uma exegese cristocêntrica, pactual e querigmática de ambos os Testamentos. A rigor, deve-se atentar para a manutenção de um senso de proporção em relação às minúcias, não deixando que estas obscureçam o que Deus indicou ser as questões mais importantes.⁴¹

A doutrina da perspicuidade bíblica é crítica para a vida e missão da igreja. Se os crentes não podem saber com qualquer grau de segurança que estão entendendo a Palavra de Deus com precisão, eles não têm esperança de aplicar corretamente a instrução divina em suas vidas diárias. Uma Bíblia ambígua pode produzir apenas doutrinas igualmente indefensáveis, visto que nenhum argumento seguro pode ser feito a partir de qualquer texto. Mas não é assim que a Escritura se descreve.⁴² Todos os homens são responsáveis por se submeter às Escrituras. Ademais, todos os crentes são ordenados a conhecer, defender e aplicar a sua doutrina.

Há que se labutar no estudo sistematizado das Escrituras Sagradas sem prescindir da iluminação do Espírito Santo como condição *sine qua non* para o alcance e efetividade dos resultados esperados. A Palavra de Deus não pode ser entendida sem um estudo constante e laborioso, sem um escrutínio cuidadoso e com oração sobre seu conteúdo. A Bíblia é tão clara e inteligível quanto pode ser na natureza das coisas, adotada da melhor maneira possível para dar

³⁸ TEIGEN, Erling. T. The clarity of Scripture and hermeneutical principles in the lutheran confessions. *Concordia Theological Quarterly*, v. 46, n. 2-3, 1982, p. 147-166.

³⁹ MACARTHUR, John. Perspicuity of Scripture: the emergent approach. *The Master's Seminary Journal – TMSJ*, v. 17, n. 2, 2006, p. 141-158.

⁴⁰ MCGRATH, Alister E. *Christianity's dangerous idea the Protestant Revolution: A history from the sixteenth century to the twenty-first*. HarperCollins e-books, 2009.

⁴¹ PACKER, James Innell. Infallible Scripture and the role of hermeneutics. In: CARSON, D. A.; WOODBRIDGE, John D. (Eds.). *Scripture and Truth*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1983.

⁴² MACARTHUR, 2006.

instrução nas coisas sagradas e profundas de que trata. Entretanto, ninguém pode ser instruído pelos melhores meios possíveis de instrução se não se importar com o mesmo.⁴³

SEÇÃO VIII

A doutrina da preservação das Escrituras professa que o texto bíblico, revelado e inspirado por Deus para garantir o seu fiel registro nas Escrituras, tem sido cuidadosamente por Ele preservado no decorrer dos tempos, de forma a garantir que aquilo que foi revelado e inspirado continue disponível a todas as gerações subsequentes.⁴⁴ Há aqueles que negam que as Escrituras contenham ou ensinem qualquer doutrina da preservação, assim como existe aqueles que afirmam que a doutrina de preservação está contida Escrituras, direta ou indiretamente.⁴⁵

A outra doutrina constante nessa seção da CFW trata da questão da necessidade de tradução das Escrituras para outros idiomas e mesmo dialetos. Salienta-se que, o princípio da fé reformada não professa a inspiração das traduções, mas dos textos originais (hebraico e aramaico no Antigo Testamento; grego no Novo Testamento). Tudo o que foi dito sobre a doutrina da inspiração das Escrituras refere-se, notadamente, aos textos originais e não às mais diversas traduções.⁴⁶

Mudanças tecnológicas e materiais estão no cerne da mudança da dinâmica nas interfaces locais-escritas, e a materialidade dos portadores de textos (traduzidos) molda de maneira crucial as formas e funções das traduções.⁴⁷ Arrazoa-se sobre o princípio reformado fundamental de interpretação bíblica, segundo o qual, a regra indefectível de interpretação das Escrituras é que ela se auto interpreta, deslindando suas passagens mais difíceis.

A hermenêutica é a ciência da interpretação e da explicação. Nos círculos cristãos, o termo significa especialmente a compreensão e a exegese do texto das Escrituras.⁴⁸ A hermenêutica é a base teórica da exegese, que, por sua vez, é o alicerce tanto da teologia (bíblica ou sistemática) como da exposição bíblica (pregação) propriamente dita.⁴⁹ Agostinho, considerado um precursor do método gramático-histórico estabeleceu relevantes princípios de interpretação bíblica – a que o teólogo medieval se referia como “modo de tratar a Escritura (*tractatio Scripturarum*), os quais até hoje constituem-se na base para diversos estudos.

SEÇÕES IX E X

A autoridade das Escrituras como regra final de fé descansa unicamente no fato de que elas são a Palavra de Deus. Visto que todos esses escritos constituem uma única revelação dada por Deus aos homens, segue-se que:

Elas são si mesmas absolutas e completas como revelação, não devendo ser suplementadas ou explicadas pela luz extraída de qualquer outra fonte;

⁴³ PINK, Arthur W. *Interpretation of the Scriptures*. Shallotte, NC: Sovereign Grace Publishers, 2002.

⁴⁴ ANGLADA, 2013.

⁴⁵ COMBS, William W. The preservation of Scripture. *Detroit Baptist Seminary Journal*, v. 5, n. 1, 2000, p. 3-44.

⁴⁶ ANGLADA, 2013.

⁴⁷ LITTAU, Karin. First steps towards a media history of translation.” *Translation Studies*, v. 4, n. 3, 2011, p. 261–281.

⁴⁸ HENRY, Carl F. H. The interpretation of the Scriptures: Are we doomed to hermeneutical nihilism? *Review & Expositor*, v. 71, n. 2, 1974, p. 197–215.

⁴⁹ ANGLADA, Paulo. Orare et labutare: a hermenêutica reformada das Escrituras. *Fides Reformata*, v. 2, n. 1, 1997.

As díspares seções dessa revelação mutuamente suplementam e explicam umas às outras. O Espírito Santo que inspirou as Escrituras é o único expositor competente de suas próprias palavras, e ele é prometido a todos os filhos de Deus como Espírito de luz e de verdade. Sob a dependência de sua orientação, os cristãos devem, naturalmente, estudar as Escrituras, usando de todos os auxílios do genuíno saber para assegurarem-se de seu significado; mas esse significado deve ser buscado à luz das Escrituras mesmas, tomadas como um todo, e não à luz da tradição ou de preceitos filosóficos.⁵⁰

A CFW registra que o sentido de uma passagem obscura não pode ser autoritativamente determinado nem por tradição, nem por decisão eclesiástica, nem por argumento filosófico, nem por intuição espiritual, mas única e exclusivamente, por outras partes da própria Escritura que proporcionem a devida explicação e esclarecimento do seu sentido.⁵¹

Os métodos de estudo da Bíblia são apenas de importância relativa; mas o espírito com que é estudado é muito importante. Não requer nenhum argumento para provar que um livro espiritual requer um leitor de mente espiritual, pois "o homem natural não recebe as coisas do Espírito de Deus, nem pode conhecê-las, porque elas são discernidas espiritualmente" (1 Cor 2. 14). A Palavra de Deus é uma revelação de coisas que afetam nossos maiores interesses e bem-estar eterno, e exige aceitação implícita e cordial.⁵²

O problema da interpretação não é estranho ao próprio Novo Testamento. "Compreendes o que vens lendo?", pergunta Filipe ao etíope, alto oficial de Candace (At 8: 26-30). A exposição e compreensão adequadas do texto do Antigo Testamento são uma preocupação insistente tanto dos Evangelhos quanto das Epístolas. Os expositores em cada geração têm buscado o entendimento correto das Escrituras.⁵³

No século XVIII, a filologia clássica refinou as técnicas de análise gramatical e por meio de um interesse no passado bíblico e atenção ao contexto histórico lançaram luz sobre as narrativas bíblicas. Os defensores do método histórico-crítico na teologia e do método histórico-gramatical na interpretação enfatizaram que o sentido verbal da Bíblia deve ser verificado da mesma maneira que o de qualquer outro livro e não por técnicas alternativas.⁵⁴

Se se considerar que as Escrituras devem ser lidas privativa e comunitariamente⁵⁵, a mais essencial qualificação para compreender e interpretar as Escrituras é possuir uma mente iluminada pelo Espírito Santo.⁵⁶ Comumente se encontra textos no Novo Testamento que fazem menção explícita e claras a passagens registradas no Antigo Testamento. Portanto, a assertiva de que a Escritura pode ser explicada pela própria Escritura alude, sobretudo a esse fato. Nesse tocante, deve-se ainda considerar o aspecto temporal, espacial, cultural, entre outros que caracterizam sistemicamente a construção do texto bíblico.

Malgrado essa inserção, o NT não é uma unidade monolítica. Da mesma forma, as citações e alusões do AT no NT não formam uma unidade indivisível. Assim, o que se aplica a um

⁵⁰ HODGE, Archibald Alexander. *A Commentary on the Confession of Faith: with questions for theological students and bible classes*. 2th ed. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication and Sabbath-School Work, United States, 1885.

⁵¹ ANGLADA, 2013.

⁵² PINK, 2002.

⁵³ PINK, 2002.

⁵⁴ PINK, 2002.

⁵⁵ SUTANTO, Nathaniel Gray. Toward a reformed theological interpretation of Scripture. *Journal Theology Indonesia*, v. 1, n. 1, 2013, p. 103-116.

⁵⁶ PINK, 2002.

escritor pode não se aplicar a outro. Além disso, o mesmo escritor pode ter adotado estratégias diferentes em pontos diferentes. Isso deve ser considerado.⁵⁷

Se a teologia consiste na interpretação bíblica centrada em Deus, o que é fato, segue-se que a teologia hermenêutica (fazer teologia por meio da interpretação bíblica) e a hermenêutica teológica (trazer a doutrina cristã para apoiar os princípios e a prática da interpretação) são igualmente finais. Em outras palavras, devem ser constituintes de todo o arcabouço teórico-doutrinário que rege a vida do cristão em geral e dos ministros da Palavra em particular.⁵⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que estamos permeados por uma mixórdia de novos ensinamentos que reclama para si a rubrica da verdade. Obviamente isso não é de causar surpresa, uma vez que a própria Escritura previu tal situação. Não obstante, amiúde, os cristãos padecem em meio a esse pandemônio doutrinário, oriundo de um caleidoscópio religioso obscuro e espúrio.

Não bastasse a gravidade desse contexto, no meio reformado predomina avultado desconhecimento das confissões de fé, tal qual sua importância. Contrariamente, o que se percebe é a preponderância de uma postura de execração em relação a elas, como se fossem coisas antigas, antiquadas e, assim, desatualizadas e não merecedoras de qualquer crédito.

A igreja está em crise. O evangelicalismo brasileiro vive dias difíceis. “Faz sentido ainda o uso do termo ‘evangélico?’”⁵⁹, questionava o autor em meados da década de 1990, ao referir-se criticamente à descaracterização teológica e eclesial das igrejas evangélicas atribuída à hermenêutica deficiente que tem permeado a interpretação e exposição da Palavra de Deus.

Predomina uma escassez de precisão na hercúlea tarefa de ensinar a Palavra de Deus, retroalimentada por um círculo famigeradamente vicioso: líderes eclesiais não labutam no estudo das Escrituras e, portanto, não ensinam com profundidade; membros acostumados com “leite espiritual” não sentem falta do alimento sólido e substancial e, com isso, preferem o sermão “autoajuda”, o sermão “*couching*”, ou quem sabe, uma palestra sobre um tema da atualidade. Resultado: Uma Igreja espiritualmente inane.

Se a Igreja é fraca na Palavra, logo, não se pode dizer que é uma igreja cristocêntrica, isto é, Cristo não ocupa o lugar de proeminência que lhe é devido no culto. A susceptibilidade ao erro aumenta exponencialmente. A Escritura deve voltar a ocupar o seu lugar na vida do povo de Deus. Incontestavelmente, isso instrumentalizaria a Igreja para se portar com mais fidelidade no testemunho de Cristo Jesus nesse mundo.

REFERÊNCIAS

ADRIANO FILHO, José. A formação do Cânon bíblico: considerações a partir da semiótica da cultura. *Estudos de Religião*, v. 29, n. 1, 2015, p. 87-101.

ALLEN, R. Michael. *Reformed theology*. New York: T&T Clark, 2010.

⁵⁷ TUCKETT, Christopher M. Paul, Scripture and ethics. Some reflections. *New Testament Studies*, v. 46, n. 3, 2000, p. 403-424.

⁵⁸ VANHOZER, Kevin J. First Theology: God, Scripture & Hermeneutics. *Pro Ecclesia: A Journal of Catholic and Evangelical Theology*, v. 13, n. 3, 2004, p. 362-364.

⁵⁹ ANGLADA, 1997.

- ANDRADE, Rodrigo Pinto de; TOLEDO, César de Alencar Arnaut; ANDRADE, Francielle Aparecida Garuti de. The conception of education in Westminster Confession of Faith, of 1647. *Educação Unisinos*, v. 22, n. 1, 2018, p. 110-118.
- ANGLADA, Paulo. Orare et labutare: a hermenêutica reformada das Escrituras. *Fides Reformata*, v. 2, n. 1, 1997.
- ANGLADA, Paulo. *Sola Scriptura*. A doutrina reformada das Escrituras. 2 Ed. Ananindeua/PA: Knox Publicações, 2013.
- BAVINCK, Herman; BOLT, John. *Reformed dogmatics* – abridged in one volume. Grand Rapids, Michigan: Backer Academic, 2015.
- BEEKE, Joel R.; FERGUSON, Sinclair. *Harmonia das confissões reformadas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- BORTNES, Jostein. Canon Formation and Canon Interpretation. In: THOMASSEN, E. *Canon and Canoncity*. The Formation and use of Scripture. Copenhagen: MT Press, 2010, p. 189-216.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia: controvérsias, significado, fundamento*. 2 Ed. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2007.
- CAMPOS, Heber Carlos de. A relevância dos credos e confissões. *Fides Reformata*, v. 2, n. 2, 1997, p. 97-128.
- COMBS, William W. The preservation of Scripture. *Detroit Baptist Seminary Journal*, v. 5, n. 1, 2000, p. 3-44.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira da. A relevância da ortodoxia protestante na elaboração das confissões protestantes nos séculos XVI e XVII. In: Sociabilidades Religiosas: mitos, ritos e identidades. *Anais*. XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões. Goiânia, Universidade Federal de Goiás – UFG, 2009.
- ELLIS, E. Earle. The authority of Scripture; critical judgments in biblical perspective. *The Evangelical Quarterly*, v. 39, n. 4, 1997, p. 196-205.
- GONZÁLEZ, Justo L. *História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. 2 Ed. São Paulo: Vida Nova, v. 2, 2011.
- GRUDEM, Wayne. *Systematic Theology: An introduction to biblical doctrine*. Grand Rapids, Michigan, USA, 1994.
- HARRIS, Steven Edward. The word(s) the Spirit gives: Lutheran and reformed exegesis of 1 Corinthians 2:13. *Scottish Journal of Theology*, v. 70, n. 3, 2017, p. 295-309.
- HENRY, Carl F. H. The interpretation of the Scriptures: Are we doomed to hermeneutical nihilism? *Review & Expositor*, v. 71, n. 2, 1974, p. 197–215.
- HODGE, Archibald Alexander. *A Commentary on the Confession of Faith: with questions for theological students and bible classes*. 2th ed. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication and Sabbath-School Work, United States, 1885.
- KING, Kevin. The uneasy pulpit: Carl Henry, the authority of the Bible, and expositional preaching. *Perichoresis*, v. 17, n. 3, 2019, p. 97–110.
- LEITH, John. *A Tradição Reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã*. São Paulo, Pendão Real, 1997.

- LITTAU, Karin. First steps towards a media history of translation." *Translation Studies*, v. 4, n. 3, 2011, p. 261–281.
- LÖSEL, Steffen. Guidance from the gaps: The Holy Spirit, ecclesial authority, and the principle of juxtaposition. *Scottish Journal of Theology*, v. 59, n. 1, 2006, p. 140-158.
- MACARTHUR, John. Perspicuity of Scripture: the emergent approach. *The Master's Seminary Journal – TMSJ*, v. 17, n. 2, 2006, p. 141-158.
- MCGRATH, Alister E. Christianity's dangerous idea the Protestant Revolution: A history from the sixteenth century to the twenty-first. HarperCollins e-books, 2009.
- NASH, Ronald. *Evangelicals in America*. Nashville, TN: Abingdon, 1987.
- PAAUWE, Edward. The sufficiency of Scripture. In: KHOO, J. *The Burning Bush*, v. 2, n. 2, 2006, p. 77-84.
- PACKER, James Innell. Infallible Scripture and the role of hermeneutics. In: CARSON, D. A.; WOODBRIDGE, J. *Scripture and Truth*. Grand Rapids: Zondervan, 1983.
- PANNENBERG, Wolfhart. Theological Table Talk: On the Inspiration of Scripture. *Theology Today*, v. 54, n. 2, 1997, p. 212-215.
- PINK, Arthur W. *Interpretation of the Scriptures*. Shallotte, NC: Sovereign Grace Publishers, 2002.
- RODRIGUES, Rui Luis. Confessionalization processes and their importance to the understanding of Western History in the Early Modern period (1530-1650). *Revista Tempo*, v. 23, n. 1, 2017, p. 2-21.
- SCHNABEL, Eckhard. History, theology and the biblical canon: An Introduction to Basic Issues. *Themelios*, v. 20, n. 2, 1995, p. 16-24.
- SHAW, Robert. *The Reformed Faith - an exposition of the Westminster Confession of Faith*. Coconut Creek, Florida, USA, Puritan Publications, 2011.
- STOKER, Henk G. Convinced by Scripture and plain reason: Reasonable reformational apologetics. In: VORSTER, Nico; VAN DER WALT, Sarel. *Reformed theology today: Practical theological, missiological and ethical perspectives*. Durbanville, South Africa: AOSIS, 2017.
- SUTANTO, Nathaniel Gray. Toward a reformed theological interpretation of Scripture. *Journal Theology Indonesia*, v. 1, n. 1, 2013, p. 103-116.
- SWAIN, Scott. A Ruled Reading Reformed. The role of the church's confession in biblical interpretation. *International Journal of Systematic Theology*, v. 14, n. 2, 2012, p. 177-193.
- TEIGEN, Erling T. The clarity of Scripture and hermeneutical principles in the lutheran confessions. *Concordia Theological Quarterly*, v. 46, n. 2-3, 1982, p. 147-166.
- THOMPSON, Mark D. Sola Scriptura, In: BARRET, M. *Teologia da Reforma*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- TUCKETT, Christopher M. Paul, Scripture and ethics. Some reflections. *New Testament Studies*, v. 46, n. 3, 2000, p. 403-424.
- VANHOOZER, Kevin J. (2004). First Theology: God, Scripture & Hermeneutics. *Pro Ecclesia: A Journal of Catholic and Evangelical Theology*, v. 13, n. 3, 2004, p. 362-364.
- WETHMAR, Conrad. Confessionality and identity of the church – a reformed perspective. In: BORGHT, Eduardus Van Der. (Ed.). *Christian identity*. Studies in reformed theology 16. International Reformed Theological Institute. International Conference 6th, Seoul, Korea, 2008.

ZACHMAN, Randall C. Oracles, visions, and oral tradition: Calvin on the foundation of scripture. *Interpretation: A Journal of Bible and Theology*, v. 63, n. 2, 2009, p. 117-129.